



Universidade Federal do Maranhão Departamento de Comunicação Social - Campus – Imperatriz Rua Urbano Santos, s/n, Imperatriz, 65900-040 Especialização em Assessoria de Comunicação Empresarial e Institucional

ASSÉDIO NAS PLATAFORMAS DIGITAIS:

Um estudo sobre as relações de trabalho das jornalistas na segunda maior cidade do Maranhão ¹

Janaina Lopes de AMORIM²

Orientação: Prof^a Dr^a Thaísa BUENO³

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, UFMA

RESUMO: Este artigo trata da midiaticização do assédio sexual e moral sofrido por mulheres jornalistas nas redações de TV, rádio e jornal on-line de Imperatriz. O objetivo foi compreender o papel das plataformas digitais nas situações de assédio, já que em levantamento exploratório verificou-se que todas as profissionais locais já tinham vivido esse tipo de violência durante o exercício da profissão. Para dar conta dos objetivos propostos, foram ouvidas 19 jornalistas, num universo de 23 que atuam na mídia usada como recorte neste estudo. Conclusivamente, a pesquisa mostra que a sensação de distanciamento que a mediação produz, encoraja o assédio e até favorece algumas investidas. Por outro lado, também tem garantido às profissionais formas de se defender por meio das provas materiais que a ferramenta deixa, tais como capturas dos históricos de conversas. O artigo pretende contribuir para as discussões sobre o mercado local.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalistas; Assédio; Plataformas digitais.

INTRODUÇÃO

A disseminação de tecnologias digitais variadas, incluindo, mais pontualmente os dispositivos móveis na rotina jornalística modificou, não somente a prática de produção, também instigou a adoção de outras linguagens e até mesmo levou a experimentação de novos modelos de negócios. Nesse ambiente modificado, viu-se emergir diferentes relações de trabalho e, com isso, manifestações de assédio por meio das plataformas digitais. O assunto, inclusive, tem ganhado destaque mundial. Em 2019, a Unesco lançou uma campanha que busca organizar estudos para combater, justamente, o assédio online cometidos contra jornalistas mulheres. A proposta é a realização, posterior, de um documento/manual que ajude as jornalistas a identificar, prevenir e denunciar esse

¹Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca do curso de Comunicação Social, com Habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Maranhão – CCSST, como requisito para a obtenção do grau de especialista em Assessoria de Comunicação Empresarial e Institucional.

²Cursa Mestrado em Comunicação. Especialista em Educação e Comunicação em Interfaces Digitais pela Estácio. Graduação em Letras e Literaturas de Língua Portuguesa pela Uemasul e em Jornalismo, pela Ufma. Jannaina.amorim@gmail.com.

³ A orientadora é professora da pós-graduação, servidora adjunta na UFMA, doutora em Comunicação pela PUC-RS e mestre em Letras da UFMS. Integra o programa de Mestrado em Comunicação na UFMA de Imperatriz.



Universidade Federal do Maranhão Departamento de Comunicação Social - Campus – Imperatriz Rua Urbano Santos, s/n, Imperatriz, 65900-040 Especialização em Assessoria de Comunicação Empresarial e Institucional

tipo de prática. De acordo com uma pesquisa da Associação pela Comunicação Progressiva (2015), amplamente divulgada na mídia nacional, o assédio por meio de plataformas digitais tem sido identificado com bastante frequência, em particular envolvendo jornalistas, por conta do que se estabeleceu chamar de “os 4 As” da violência de gênero ligada às ferramentas online: anonimato, acessibilidade, ação à distância (não deixa marcas físicas visíveis) e automação (podem ser praticadas em menos tempo e exigem menos esforço do agressor).

Ações e relatos como esses mostram que o tema é real. Inclusive levantamentos realizados em várias partes do país mostram que o assédio moral e sexual fazem parte da rotina das jornalistas (PORTELA, 2018; ABRAJI, GÊNERO E NÚMERO, 2017). Ainda assim, os trabalhos sobre a temática são escassos no âmbito da pesquisa nacional acadêmica. Levantamento de Amorim e Bueno (2019) no Banco de Dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), nos últimos dez anos (de 2009 a 2019), na área da Comunicação e Informação, identificou apenas única publicação especificamente sobre assédio e jornalistas, a dissertação intitulada “Feminização do Jornalismo e desigualdades de gênero no exercício da profissão em Goiânia”, de Ana Maria Moraes, da Universidade Federal de Goiás (UFG). Foram identificadas quatro publicações abordando o assunto de forma secundária e 14 citando, na maior parte das vezes, como pauta do movimento feminista.

Diante deste cenário, este artigo se propõe a contribuir com as discussões acerca do assédio moral e sexual pelo qual as mulheres jornalistas são submetidas no seu ambiente de trabalho, tendo como foco a violência praticada por meio de plataformas digitais. Para dar conta do propósito, o estudo se dedicou a analisar as condições de trabalho nas redações de TV, rádio e jornal on-line de Imperatriz, a segunda maior cidade do Maranhão. A intenção é entender o papel das plataformas digitais nas situações de assédio na rotina dessas profissionais.

Para dar conta do objetivo proposto optou-se por uma pesquisa qualitativa, por meio de entrevistas com 19 jornalistas que atuam na mídia local. Optou-se por entrevistas individuais e presenciais, compostas por perguntas fechadas para identificação socioeconômica, e abertas e ou semi-estruturadas nas questões relacionadas ao assédio sexual e moral (MARTINO, 2018; LAKATOS, 2003). O recorte incluiu os maiores jornais da cidade, totalizando quatro emissoras de TV, três de rádio e um site, que não



Universidade Federal do Maranhão Departamento de Comunicação Social - Campus – Imperatriz Rua Urbano Santos, s/n, Imperatriz, 65900-040 Especialização em Assessoria de Comunicação Empresarial e Institucional

foram identificados neste estudo para preservar a identidade das fontes. Os nomes das jornalistas também foram mantidos em sigilo.

ASSÉDIO E MERCADO DE TRABALHO

Tanto o assédio moral quanto o sexual está relacionado ao abuso hierárquico e à dominação (HIGA, 2016). O primeiro é caracterizado pela desqualificação do profissional, por ataques repetitivos e cotidianos, quando a vítima é tratada com rigor excessivo, ameaças e humilhações (SOARES; DUARTE, 2014); já o segundo pode ser compreendido como ato de constranger alguém para obter vantagem ou favorecimento sexual (HIGA, 2016). No âmbito profissional, esses dois tipos de assédio podem ocorrer de forma vertical, quando o agressor ocupa um cargo superior à vítima; ou horizontal, quando é praticado pelos próprios colegas de trabalho (NUNES; REGO, 2011; SOARES; DUARTE, 2014). Em geral não se especifica se esse tipo de agressão é ou não mediada por uma tecnologia.

Segundo Andrade e Assis (2017), a discriminação de gênero no ambiente de trabalho pode ser visualizado em dois pontos hierárquicos fundamentais: primeiramente pelo o entendimento de que o trabalho masculino é mais valorizado que o feminino; e seguidamente pela própria separação entre atividades consideradas femininas e não masculinas.

Em geral autores como Maria Ester de Freitas (2001); Adriana de Fatima Campagnoli e Simone Mandalozzo (2013); Cristiane Andrade e Simone Assis (2018) debatem que o assédio é o reflexo de uma relação de poder e da própria condição da mulher na sociedade, que incide no trabalho e, nos dias atuais, também no ciberespaço, não necessariamente criado nas plataformas, mas disseminado numa ferramenta.

Mais pontualmente sobre a inserção da mulher no mercado jornalístico, a própria história da entrada das jornalistas nas redações nacionais foi marcada pela misoginia. De acordo com Ribeiro (1998, p.31), até a década de 1930 a redação era um local exclusivamente masculino, ambiente “só para homens”, e o trabalho delas era visto como secundário (CASADEI, 2011; DUARTE, 2003). De acordo com estas autoras, mesmo quando tais profissionais passam a ocupar cargos de direção, no século XIX, enfrentaram discriminação por parte dos colegas, sendo obrigadas a veicular material não assinado, ficando no anonimato (CASADEI, 2011). Como esclarece Portela (2018), a entrada de mulheres jornalistas de forma mais representativa em grandes veículos só aconteceu no



Universidade Federal do Maranhão Departamento de Comunicação Social - Campus – Imperatriz Rua Urbano Santos, s/n, Imperatriz, 65900-040 Especialização em Assessoria de Comunicação Empresarial e Institucional

século XX, já que antes disso, as jornalistas mulheres escreviam em casa e apenas entregavam o material aos jornais.

De lá para cá, a participação das mulheres jornalistas na grande mídia tem sido crescente, ainda que existam menos mulheres que homens nas redações brasileiras. Levantamento recente, coordenado pelo *Workr* – Plataforma de Comunicação Corporativa do site Comunique-se – e publicado no dia 8 de maio de 2019, mostrou que 36,9% do mercado de imprensa no país são ocupados por mulheres. Segundo os dados, atualmente, 15.654 mulheres jornalistas estão empregadas em veículos de comunicação, contra 26.678 jornalistas do sexo masculino.

Mas ainda hoje, ainda que com o número de jornalistas mulheres nas redações tendo ultrapassado a casa dos 15 mil, a prática de assédio segue sendo frequente. Algumas pesquisas nacionais, que tentam mapear os casos no país, bem como estudo mais regionalizados, confirmam a regularidade com que essa ação ocorre. Diagnóstico da Abraji (2017) mostrou que 70,2% das mulheres dizem já ter presenciado ou souberam de colegas que foram assediadas durante o exercício da profissão. Quase todas elas (92,3%) disseram já ter ouvido piadas machistas, que ridicularizam as mulheres ou banalizam situações de violência. Inclusive, 70,4% afirmaram já ter recebidos cantadas que as deixavam desconfortáveis e 10,7% receberam propostas de favores sexuais em troca de algum benefício profissional ou material. Apesar da recorrência, apenas 15% das mulheres já denunciaram situações de assédio.

Na monografia “Percepção do assédio moral e sexual contra mulheres jornalistas em Curitiba”, de 2018, 78% das mulheres jornalistas respondentes do estudo afirmaram já ter sofrido assédio moral por parte de superiores hierárquicos e 46% delas relataram já ter vivido situações de assédio sexual (PORTELA, 2018). Reimberg (2015), ao estudar o assédio moral contra jornalistas mostrou que as empresas estimulam exageradamente a competitividade entre os funcionários e valorizam posturas agressivas, o que desencadeia situações de assédio. Em relação ao assédio sexual, a pesquisadora trouxe casos graves, como de uma funcionária que foi demitida por não ceder às investidas do chefe. Já Bueno (2018), que teve como objetivo principal identificar se existiam diferenças e particularidades na rotina entre homens e mulheres no jornalismo esportivo, no Brasil e em Portugal, o assédio acabou aparecendo espontaneamente nas entrevistas. Os relatos mais comuns descrevem casos de comentários sobre o corpo, aparência ou perguntas sobre a vida amorosa no dia a dia das jornalistas.



Universidade Federal do Maranhão Departamento de Comunicação Social - Campus – Imperatriz Rua Urbano Santos, s/n, Imperatriz, 65900-040 Especialização em Assessoria de Comunicação Empresarial e Institucional

PLATAFORMAS DIGITAIS, ROTINA JORNALÍSTICA E ASSÉDIO

A chegada da cibercultura, entendida como conjunto de técnicas materiais e intelectuais compostas por atitudes, pensamentos e valores desenvolvidas juntamente com ciberespaço, mudou a forma das pessoas se comunicarem e se relacionaram (LEMOS, 2007). A quantidade e velocidade das informações aumentam vertiginosamente e os contatos e a comunicação entre os indivíduos são cada vez mais transversais (LÉVY, 1999).

No jornalismo, a internet se tornou determinante e indissociável da rotina de trabalho dos jornalistas (KROTH, 2018). Os impactos incidem do produto final, que são as informações, até a rotina de trabalho dos profissionais da comunicação, em um processo que pode ser denominado de mídiatização, entendida como “processo recíproco entre a mídia e outros domínios ou campos sociais” (HJARVARD, 2012, p.24). É perspectiva teórica que busca entender nas mudanças estruturais na sociedade, resultado das mudanças nos padrões de interação (HJARVARD, 2014).

Assim, os ecossistema midiático ubíquo muda não só a relação com público, mas também a própria mídia que será consumida (KROTH, 2018). Para Hjarvard (2014), na atualidade a comunicação de massa tem sido complementada por mídias interativas, potencializando a participação do público, que podem se engajar de diversas formas e, inclusive, ampliar a possibilidade da prática de assédio.

Na rotina jornalística, percebe-se como resultado desse processo a aceleração dos fluxos da produção e de disponibilização de conteúdo; a propagação de plataformas para distribuir as notícias e as mudanças nos modos de coleta, edição e distribuição da informação (KROTH, 2018). O relacionamento com as fontes também foi modificado (KROTH, 2018), e também pode ser entendido como parte desse processo de mídiatização já que envolve “a institucionalização de novos padrões de interações e relações sociais entre os atores” (HJARVARD, 2014, p.24). Entre os elementos que colaboraram para esta mudança, estão a inserção das mídias sociais digitais no processo de produção da notícia e a proliferação das plataformas digitais. Segundo Recuero (2010), as mídias sociais digitais são as ferramentas de comunicação que permitem a emergência das redes sociais digitais. As mídias são o conjunto de dinâmicas, como os movimentos de difusão de informações, são ações dentro das redes sociais. Entre as percepções que definem as mídias sociais, estão a conversação e capacidade de mobilização.



Universidade Federal do Maranhão Departamento de Comunicação Social - Campus – Imperatriz Rua Urbano Santos, s/n, Imperatriz, 65900-040 Especialização em Assessoria de Comunicação Empresarial e Institucional

Sobre o fato de a prática do jornalismo ter sido amplamente impactada pelas tecnologias digitais, Bell e Owen (2017), ao analisarem as mudanças nos modelos de negócio, apontam três momentos como os mais significativos: a mudança do modelo analógico para o digital, o aparecimento de redes sociais e por fim o uso corriqueiro do celular. Embora não trate especificamente de condições de trabalho, as transformações apontadas por eles incidem diretamente nas relações profissionais, seja entre os colegas de empresas ou com o público e fontes de entrevista, e complementam as discussões dos autores que iniciaram esse tópico.

Se pensarmos nas próprias marcas que identificam o jornalismo praticado no ciberespaço (BARDOEL E DEUZE, 2000; PALÁCIOS, 2003; LÓPEZ GARCÍA ET AL., 2009; SCHWINGEL, 2012; BUENO, REINO E GEHLEN, 2016) a interatividade e a proximidade certamente são as que mais afetam as relações de trabalho no modelo de plataformas. Mielniczuk (1998), por exemplo, chama a atenção para a interatividade e para a descentralização da comunicação, que passa a acontecer em rede e com distribuição em menor tempo, a custos menores e com mais abrangência. A mudança inclui mais verticalização na relação com as fontes (MACHADO, s/d) e maior proximidade com o público (MIELNICZUK, 1998).

Essa proximidade do profissional com o público e com as fontes, proporcionada pelas plataformas on-line, pode trazer outra consequência para além da rotina de trabalho: a exposição à violência. Relatório da Fenaj (2017, 2018) aponta que os que trabalham com mídia digital estão entre os que mais sofrem com este tipo de violência, ocupando a terceira posição, atrás de profissionais de jornais impressos e da televisão.

Deste modo, entende-se que esse tipo de assédio praticado nas plataformas digitais dialoga com a ideia de midiaticização e está diretamente relacionado com a inserção e popularização dessas ferramentas na rotina de trabalho, porque implica na virtualização das relações e nas formas como essa violência se manifesta, sendo uma resposta da onipresença da mídia (HJARVARD, 2012). Ou seja, o assédio não acontece, necessariamente, na relação face a face, mas por meio de aplicativos ou plataformas de redes sociais.

Segundo os dados levantados nesta pesquisa, 84,2% das redações são compostas com um quadro de 6 a 10 jornalistas que usam as mídias sociais digitais, principalmente o WhatsApp, aplicativo de troca de mensagens gratuito, como ferramenta de trabalho. O uso desse recurso, bem como de outros disponíveis no ciberespaço, somado à cultura de



Universidade Federal do Maranhão Departamento de Comunicação Social - Campus – Imperatriz Rua Urbano Santos, s/n, Imperatriz, 65900-040 Especialização em Assessoria de Comunicação Empresarial e Institucional

dominação masculina (BOURDIER, 2012), tem desencadeado a manifestação do assédio moral e sexual mediado pelas plataformas online.

METODOLOGIA

Para investigar o papel das plataformas digitais nas práticas de assédio sexual e moral contra mulheres jornalistas nas redações de Imperatriz este estudo entrevistou profissionais dos maiores veículos de comunicação da cidade: quatro emissoras de TV, três de rádio e um site de notícias. O único jornal impresso da cidade não incluso por não ter mulheres atuando como jornalistas em seu quadro de funcionários.

Optou-se por um estudo qualitativo, partindo do pressuposto de que essa abordagem lida com a subjetividade, dos elementos pessoais e está focada em compreender os significados presentes nas ações humanas (MARTINO, 2018). Foram ouvidas 19 mulheres que se prontificaram a participar do estudo, de um total de 23 que fazem parte do quadro de jornalistas que compõe o recorte desta pesquisa. Uma se negou a participar e outras três não responderam ao convite para a entrevista. Optou-se por entrevistas individuais e presenciais, realizadas de 22 a 30 de julho de 2019.

As entrevistas seguiram um roteiro que teve como foco quatro blocos de orientação:

1. Identificação do assédio: a proposta foi entender se essas profissionais identificam situações de assédio moral e sexual, em particular por meio de ferramentas digitais, e se havia relatos na sua experiência como profissional;
2. Identificação do agente assediador: a proposta foi identificar quem são os agentes do assédio quando este ocorre por meio das ferramentas digitais, sejam eles chefes, colegas, fontes ou público;
3. Identificação das plataformas: nesta categoria buscou-se saber quais ferramentas são mais usadas e seus modos de uso quando identificado o assédio;
4. Identificação das consequências: por fim, questionou-se sobre ações tomadas depois de identificado o caso de assédio online e sua influência no comportamento da profissional.

As entrevistas foram gravadas em áudio e a única edição realizada foi a seleção, após a transcrição, dos trechos que mais interessam a este estudo. Foram asseguradas às entrevistadas o sigilo tanto da fonte e quanto do veículo onde trabalham. Análise dos



Universidade Federal do Maranhão Departamento de Comunicação Social - Campus – Imperatriz Rua Urbano Santos, s/n, Imperatriz, 65900-040 Especialização em Assessoria de Comunicação Empresarial e Institucional

dados a partir do diálogo com base em autores como Bourdieu (2012), Butler (1993), Louro (1997), Palfrey e Gasser (2011) e Postman (1994).

PERFIL DAS MULHERES JORNALISTAS EM IMPERATRIZ

Para entender um pouco mais dos resultados da pesquisa e o que seus dados revelam é importante conhecer o perfil das entrevistadas que, efetivamente, representam as mulheres que compõem as redações dos veículos de comunicação de Imperatriz. Elas são jovens, em sua maioria entre 25 a 34 anos. Praticamente todas possuem Nível Superior e parte considerável possui Pós-graduação. A maior parte das entrevistadas considera-se parda, seguidas de pretas empatadas com brancas e uma indígena. Cabe pontuar que nenhuma negra ocupa posição de chefia.

Quanto à renda, a grande maioria recebe até dois salários mínimos, sendo este o valor médio salarial na cidade, com divergências em casos de chefia, sendo o que o valor mais alto não ultrapassou quatro salários. São exatamente as cinco editoras as que possuem os maiores salários e somente uma delas exerce apenas este cargo, as demais acumulam entre duas e quatro funções. Inclusive, foi recorrente a fala da sensação de maior segurança por ter outra mulher em cargo de chefia.

Embora esse não seja o foco do trabalho, é pertinente pontuar que duas entrevistadas denunciaram casos em que mulheres desempenham a mesma função e têm salários menores que os homens. Em um dos relatos, o colega do sexo masculino não tinha formação em nenhuma área, já as mulheres eram graduadas em Jornalismo e uma delas dominava mais de um idioma. Os depoimentos que ajudaram a traçar o perfil das pesquisadas já aponta que há uma hierarquização entre os trabalhos, sendo que o masculino é mais valorizado que o feminino (ANDRADE; ASSIS, 2017).

O universo da imprensa em Imperatriz é pequeno. Embora se trate da segunda maior cidade do Maranhão são praticamente 33 profissionais jornalistas que atuam na grande mídia: seis emissoras de TV, todas com jornais locais; um jornal impresso; três sites de notícias e sete rádios.

ANÁLISE E DETALHAMENTO DOS RESULTADOS

O detalhamento da pesquisa segue as categorias norteadoras das entrevistas.



Universidade Federal do Maranhão Departamento de Comunicação Social - Campus – Imperatriz Rua Urbano Santos, s/n, Imperatriz, 65900-040 Especialização em Assessoria de Comunicação Empresarial e Institucional

- Identificação do assédio

A pesquisa revelou que as jornalistas de Imperatriz estão atentas e reconhecem quando há situações de assédio, principalmente o sexual. Somente em dois depoimentos elas admitiram ter dificuldade de identificar quando ocorre o assédio moral e o sexual. Todas as entrevistadas disseram já ter sido vítima de assédio moral, sexual ou dos dois. Elas são vítimas tanto presencialmente, quanto por meio de ferramentas digitais, sendo que 13 mulheres disseram já terem sido assediadas dessas duas formas.

Quando se trata de assédio moral, 17 já foram vítimas, sendo 1 caso mediado pela ferramenta online, 3 presenciais e 13 por ambas. Já os de cunho sexual são mais frequentes e o que as vítimas têm menor dificuldade de identificar. Todas já disseram ser vítima dessa violência, sendo que 12 relataram casos tanto presencial quanto por mídia social digital, cinco pessoalmente e dois somente por mídia social. O que mostra que a inserção das mídias sociais digitais na rotina jornalística é uma ferramenta utilizada para a prática de assédio. Inclusive, em um dos relatos, a jornalista acredita que essa plataforma facilita a prática do assédio, mas também ajuda na produção de provas.

Eu acho que facilita para eles e, ao mesmo tempo, facilita pra gente. Porque quando é pessoalmente, a pessoa te assediou, então vira uma coisa meio a tua palavra contra a dele. Como a gente sabe, a maioria das pessoas não acredita nas vítimas. Agora quando é eletrônico, como por exemplo aconteceu comigo, eu tirei um print, eu tenho a prova. Então facilita pra gente também provar, já que dificilmente as pessoas acreditam (JORNALISTA 6, 2019 [entrevista]).

On-line, as pessoas se sentem mais desinibidas em relação a comunicação. (PALFREY, GASSER, 2011). Por outro lado, como a jornalista 6 afirmou, é muito mais fácil de produzir prova, registrar, o que é um efeito bilateral dessa modalidade de comunicação. “Toda tecnologia tanto é um fardo como uma bênção; não uma coisa ou outra, mas sim isto e aquilo” (POSTMAN, 1994, pág.14).

- Identificação do agente assediador

Nesta questão, a pesquisa queria saber quem eram os assediadores, seguindo os critérios de gênero, hierarquia e perfil (colegas, fontes ou público). Quando se trata do assédio moral, há um empate entre relatos de casos praticados por homens e mulheres, que ocupavam cargos de chefia. Há descrições que incluem desde mensagens grosseiras



Universidade Federal do Maranhão Departamento de Comunicação Social - Campus – Imperatriz Rua Urbano Santos, s/n, Imperatriz, 65900-040 Especialização em Assessoria de Comunicação Empresarial e Institucional

em grupos, no espaço privado das redes sociais e por telefone. “Ele usava de tudo, tudo o que tava ao alcance dele, ligação... A gente morria já de medo de atender o ramal, porque na hora que ele ligava, já era pra esculhambar”, (JORNALISTA 19, 2019, [entrevista]).

Em geral os casos de assédio são promovidos por colegas da hierarquia superior dentro da redação. Casos assim foram relatados por nove entrevistadas. Em um caso descrito, a entrevistada comentou que o chefe acompanhava suas postagens nas redes sociais particulares, fora do horário de trabalho, para fazer comentários e ter subterfúgios para os assédios. Uma das entrevistadas relatou um episódio onde após a colega não ceder às investidas sexuais, passou a sofrer assédio moral.

Uma colega de trabalho, ela não tinha formado ainda, tava estagiando em uma instituição da cidade e aí ela pediu pra sair porque disse que não estava suportando mais as investidas da pessoa que a monitorava. Ela citava que, primeiro ele começou a dar em cima dela, né? Tinha ela nas redes sociais. Ele não comentava nas redes, mas comentava pra ela pessoalmente. “Ah, que tu tava só na praia e que não sei o quê”. É como ela não cedeu às investidas entrou o assédio moral. “Ah, fulana, você tava na praia, que não sei o quê, mas você só fica aqui desfilando, pensa que tá na praia ainda”. Aí foi chegando num ponto que ela não aguentou. Ela teve que ser remanejada pra outra empresa para concluir o estágio dela (JORNALISTA 6, 2019 [entrevista]).

Além das chefias, as fontes também são citadas como envolvidas no processo de assédio à mulheres jornalistas. Ao todo 10 respostas revelaram casos de assédio com pessoas nessa condição. Em uma delas, a repórter realizou uma entrevista pelo WhatsApp. Segundo ela, a fonte não a levou a sério e ficou fazendo brincadeiras durante a conversa. Quando o material foi publicado, fez uma nota no Facebook insultando o trabalho e a própria jornalista.

Quando nós fazemos entrevistas pelo Whatsapp têm pessoas que não levam a sério. Então esse rapaz não levou a sério e quando a matéria foi publicada, ele fez uma nota dizendo que tava ridícula. Ele publicou uma nota lá dizendo que a matéria não tinha nada a ver com o que ele tinha respondido. Não mudei a matéria, mostrei todos os prints da conversa e o chefe acreditou em mim. Se caso ele viesse com processo já tinha provas (JORNALISTA 2, 2019 [entrevista]).



Universidade Federal do Maranhão Departamento de Comunicação Social - Campus – Imperatriz Rua Urbano Santos, s/n, Imperatriz, 65900-040 Especialização em Assessoria de Comunicação Empresarial e Institucional

Já quando se trata do o assédio sexual, entre as práticas mais comuns está a insistência de convites para sair, mensagens de cumprimento seguidas de adjetivos como “oi, linda” e emojis com figuras de flores, em horários fora do expediente, classificados por boa parte das vítimas como inconveniente. Os conteúdos são enviados principalmente à noite.

Os assediadores são predominantemente homens, presentes na fala de 18 entrevistadas, sendo que 15 dos relatos de assédios foram praticados por fontes e 10 por colegas de trabalho. Em casos que envolvem os colegas, seis são de hierarquia superior.

Essa conduta opressora do homem, que na maioria das vezes é o assediador, em uma sociedade androcêntrica é vista como uma manifestação de honra e virilidade, provas de potência sexual. A atitude está estruturada nas relações de dominação estabelecidas e por isso os atos são vistos como reconhecimento (BOURDIEU, 2012). Nesse sentido, essas práticas somam também como reguladoras que governam o gênero, mantendo normas de inteligibilidade socialmente instituídas (BUTLER, 1993).

Cabe pontuar ainda que as entrevistadas relataram que os assediadores, quando fonte, são pessoas conhecidas e com influência social e política na cidade, o que deixa clara as relações de poder contidas nessa prática. Sobre as situações envolvendo a audiência (telespectador, leitor ou internauta) os casos também ocorrem, ainda que com menos frequências que nos demais. Inclusive, a modalidade de assédio praticado pelo público surgiu espontaneamente em quatro respostas, principalmente das mulheres que trabalham com telejornal. Em um deles, o telespectador tirava fotografias da jornalista na TV e enviava pelo Instagram com mensagens contendo assédio.

Tem um caso que eu cheguei a ficar com medo, ano passado. Ele tirava fotos minhas todos os dias, ao vivo, no jornal. Da TV. “Você tá linda, isso e aquilo”. Todos os dias, no Instagram. Cheguei a comentar, inclusive, com algumas pessoas, que fiquei com medo. Coisas do tipo: “Ah, sua boca”; “Meu Deus, que boca é essa?” Pelo próprio Instagram. Aí, poxa, porquê que não elogia a reportagem, a forma como tu conduziu, né, “que matéria bacana” (JORNALISTA 10, 2019 [entrevista]).

O resultado mostra que o assédio na rotina da jornalista inclui, todas as etapas de trabalho. Essa recorrência, seja presencialmente ou por mídias sociais digitais, é um



Universidade Federal do Maranhão Departamento de Comunicação Social - Campus – Imperatriz Rua Urbano Santos, s/n, Imperatriz, 65900-040 Especialização em Assessoria de Comunicação Empresarial e Institucional

reflexo da sociedade como um todo, onde há uma hierarquização entre o gênero feminino e o masculino (LOURO, 1997). Inclusive, Castells (1999), em entrevista ao programa *Roda Vida*, pontua que o que acontece na sociedade em rede é apenas um espelho do que acontece fora dela. Dessa forma, a internet é apenas uma extensão, não só do meio, mas da forma como o assédio acontece, que agora pode incluir mensagem de texto, áudio, vídeo, emoji, sticker, entre outros (PALFREY, GASSER, 2011).

- Identificação da plataforma digital

Tanto no assédio moral, quando no sexual, o WhatsApp lidera como a plataforma digital mais usada. Isso pode estar associado ao fato de que a maior parte das redações possui quadro composto por 6 a 10 jornalistas - resposta de 16 mulheres. As demais disseram que os veículos são ainda menores, com cinco jornalistas. Na avaliação dessas profissionais, como as redações são precárias, as jornalistas acabam tendo de usar mais e divulgar também seu WhatsApp para fazer a apuração das notícias. Em todas as redações são usados o número particular das jornalistas para fazer a apuração das matérias.

Entre os assédios elencados, uma das entrevistadas foi ameaçada pelo WhatsApp após fazer matérias de denúncias relacionadas a demandas da comunidade.

E hoje, com essas redes sociais, WhatsApp, grupos de WhatsApp, eu faço parte de muitos grupos de WhatsApp e à medida que a gente vai divulgando as ações [...], no meu caso específico, já vieram no meu privado ameaças, tipo assim, que eu tava fazendo algo, que eu tava sendo paga pra fazer aquilo, pra tomar cuidado que eu tava falando, de quem que eu tava falando. Então, isso eu acredito que seja um assédio moral, né? (JORNALISTA 14, 2019 [entrevista]).

Dos assédios morais praticados por meio da internet, 12 foram pelo WhatsApp. O Facebook também aparece em um relato. Já com relação aos assédios sexuais, 13 foram pelo WhatsApp, seguido do Instagram, com dois casos; uma investida no Facebook, e um em todas as mídias. Cabe mencionar que foi comum o relato das entrevistadas afirmando que no Facebook e Instagram, onde os comentários ficam expostos para uma rede de pessoas, os comentários são pelo status, local onde só o dono da conta para quem o conteúdo é enviado consegue visualizar.

Duas das entrevistadas, de empresas diferentes, disseram que os assédios acontecem tanto no privado quanto em grupos de WhatsApp. Segundo ela, são enviadas



Universidade Federal do Maranhão Departamento de Comunicação Social - Campus – Imperatriz Rua Urbano Santos, s/n, Imperatriz, 65900-040 Especialização em Assessoria de Comunicação Empresarial e Institucional

mensagens grosseiras para os funcionários. “Até em grupos. Tem situação aqui que você recebe umas mensagens que, meu deus do céu. Parece que a pessoa tá falando com não sei nem quem (JORNALISTA 4, 2019 [entrevista]).

Quando se trata do assédio sexual, todas as mulheres jornalistas já disseram ser vítima. Os dados são bem parecidos com o moral: 12 relataram que ele se dá tanto presencial quanto por mídia social digital. Novamente o WhatsApp lidera presente em 13 entrevistas. Pontuaram também o Instagram, em dois casos e Facebook, em um. Algumas mulheres disseram ser vítimas por todas as mídias.

Mas assim, eles não se expõem tanto, porque aí o Instagram fica lá todo mundo vai ver, o Facebook também todo mundo vai ver, daí ele coloca mais algo que vem no meu privado, ou na historinha do Whatsapp ou no Facebook ou no próprio Instagram. Porque são pessoas conhecidíssimas, entendeu? (JORNALISTA 14, 2019 [entrevista]).

Com a inserção dessas mídias, as mulheres não precisam mais estar no mesmo território geográfico que os assediadores. Inclusive, muitas mulheres relataram a chegada de mensagem assediosas quando elas não estavam nas redações.

E aí, um belo dia, a gente tava aqui no estúdio, terminou e eu fui guardar tudo para ir embora. Quando terminou, tinha uma mensagem assim: “Ah, tá cada dia mais bonita, não sei o quê, gostosa”, um negócio assim. Pelo whatsapp, né, porque pessoalmente eles se intimidam. É péssimo e tu se sente péssima, porque tu tá tratando um negócio de trabalho com a pessoa e ela não consegue enxergar a pessoa profissional em ti (JORNALISTA 7, 2019 [entrevista]).

O fato dos assediadores recorrerem tanto ao WhatsApp quanto ao status do instagram mostram a preferência por meios mais privados, em que não ficaram menos expostos do que presencialmente, como relatado acima. Isso é um resultado proporcionado pelo suporte (POSTMAN, 1994), que nesse caso interfere diretamente na forma da manifestação do assédio. Com os smartphones e a instantaneidade na comunicação proporcionada pelas plataformas o assédio agora está na palma da mão e pode ser praticado a qualquer hora de qualquer lugar.

A prática dessa violência pode ser resultado da cultura de dominação masculina (BOUDIER, 2012), somado à inserção ferramentas tecnológicas de comunicação nas



Universidade Federal do Maranhão Departamento de Comunicação Social - Campus – Imperatriz Rua Urbano Santos, s/n, Imperatriz, 65900-040 Especialização em Assessoria de Comunicação Empresarial e Institucional

redações, já que as entrevistadas afirmaram que as usam na rotina de trabalho. Essa inserção ocasionou em novas formas das relações estabelecidas a partir de uma convivência facilitada pela convergência das mídias (MESQUITA, 2016).

- Identificação das consequências

As repetidas investidas levam as mulheres jornalistas de Imperatriz a ter diferentes comportamentos. Após um episódio de assédio, uma das entrevistadas passou a evitar dar o número de contato para fontes e mantém a fotografia e o status do WhatsApp ocultos para pessoas que não estejam com o número agendado em seu telefone. “Não sinto confiança de dar o meu contato para pessoas que eu não conheço, porque uma vez nem fui que dei meu contato pra uma pessoa do meio e a pessoa ficou me importunando” (JORNALISTA 11, 2019 [entrevista]).

As jornalistas também repensam as roupas usadas no trabalho para evitar que sejam assediadas. “Tipo, de eu acordar de manhã e vestir três ou quatro peças de roupa porque não podia marcar, não podia ser curta, não podia ter decote. Assim, não por uma questão de trabalho, mas pra que não chamasse atenção de ninguém, entendeu? (JORNALISTA 7, 2019 [entrevista]).

Outra consequência que, inclusive, interfere diretamente na rotina de produção jornalística é quando as vítimas passam a evitar as fontes assediadoras. Em vários relatos, as jornalistas disseram que procuram outra fonte ou até mesmo deixam de pautar certos temas. “A gente deixa de pautar e aí a gente acaba perdendo network. A gente também acaba de uma certa maneira ficando traumatizada, né? (JORNALISTA 14, 2019 [entrevista]).

Quando envolve casos em que os contatos com os assediadores são recorrentes, devido à rotina de trabalho, de acordo com as entrevistas, a situação é mais delicada. Para não ter que evitar falar com uma fonte, uma das jornalistas passou a postar fotos com o namorado e as investidas cessaram.

Essas medidas tomadas, a maioria buscando se afastar para solucionar o problema, ainda que isso prejudique seu trabalho, é comum, já que muitas buscam evitar exposição e julgamento de conduta, comuns nessas situações. Isso porque normalmente não é o agressor que passa pelo julgamento, mas sim a vítima (FUKUDA, 2012).

Nenhuma das empresas possui um canal para denúncias de assédio sexual e moral. Quando indagadas sobre possíveis denúncias, todas disseram que nunca houve e



Universidade Federal do Maranhão Departamento de Comunicação Social - Campus – Imperatriz Rua Urbano Santos, s/n, Imperatriz, 65900-040 Especialização em Assessoria de Comunicação Empresarial e Institucional

apontaram diversos motivos: medo, impunidade e em alguns relatos, os assediadores possuem patentes muito altas na empresa. O resultado ratifica um comportamento sistêmico em outras regiões. Apesar da recorrência apontada pela pesquisa da Abraji (2017), apenas 15% das mulheres contaram que já denunciaram situações de assédio moral ou sexual. Essa ausência de canais de denúncia diagnosticado também nas redações de Imperatriz, acaba por privilegiar o desejo sexual do homem sobre os direitos das mulheres sobre seu próprio corpo. Consequentemente, sustenta a dominância masculina e a subordinação feminina (DIAS, 2008) e reforça as diferenças de gênero, pautadas em um referencial masculino (LOURO, 1997). A recorrência dos assédios, assim como a ausência de denúncias, pode estar relacionada ainda ao padrão cultural que legitima os comportamentos de dominação masculina, inclusive os sexuais predatórios, contribuindo para a naturalização dessas violências contra a mulher (FUKUDA, 2012; BOUDIER, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ferramentas digitais amplificaram os casos de assédio e facilitaram as investidas. Pelo menos é o que esta pesquisa, nas redações da segunda maior cidade do Maranhão, mostram. As ferramentas não inventaram o assédio, mas estão presentes na maioria dos relatos, mesmo quando as perguntas deste estudo não tratavam, pontualmente, de discussões sobre o uso da ferramenta.

O resultado deste estudo é preocupante, não só por conta do caráter frequente com que o assédio é praticado, mas porque com a facilidade e proximidade com que as ferramentas digitais estão inseridas na rotina das mulheres profissionais de mídia, elas ampliam muito a gama de práticas abusivas como também o número de possíveis assediadores.

O estudo apontou ainda um dado bem importante que o assédio, tipos, agentes e silenciamentos se repetem em redações de interior e nas grandes capitais, já que os resultados aqui descritos estão em consonância com pesquisas anteriormente descritas em outras capitais do país.

Em Imperatriz, nas TVs, rádios e jornais on-line as mulheres chefiam praticamente todas as redações, porém ainda sofrem com violências relacionadas ao gênero, como o assédio sexual e moral, que é o tema deste estudo. Se há algum ponto positivo nesse levantamento é que ao que se vê, elas estão atentas e reconhecem quando



Universidade Federal do Maranhão Departamento de Comunicação Social - Campus – Imperatriz Rua Urbano Santos, s/n, Imperatriz, 65900-040 Especialização em Assessoria de Comunicação Empresarial e Institucional

há situações de assédio, principalmente sexual, já que somente duas tiveram dificuldade, em alguns momentos, de discorrer sobre esses crimes porque não os reconheciam. Isso pode estar relacionada ao fato das mulheres terem mais clareza sobre o que é o assédio sexual, em relação ao moral.

Outra ponderação é que com a inserção das mídias sociais on-line, além do assédio presencial, elas são assediadas também por essa ferramenta. Das mulheres que participaram das entrevistas 17 já sofreram assédios moral e 19 sexual, violências praticadas tanto virtual, quanto presencialmente. Tais números evidenciam que a convergência midiática modifica não só o fluxo de comunicação na distribuição da notícia, mas também as relações com fontes, colegas e com público.

Sobre o perfil do assediador, ele muda de acordo com o tipo. Quando moral, são promovidos por homens e mulheres que ocupam uma hierarquia superior dentro da redação. No sexual são predominantemente homens que ocupam cargo superiores ao da vítima. É comum também que os assediadores sejam fonte, nesse caso, eles também são homens e com influência social e política. Esses resultados mostram que a prática dessa violência pressupõe uma relação de poder.

O WhatsApp é o meio mais utilizado pelos assediadores, quando se trata de assédio por mídia social. Foram coletados e expostos diversos casos de assédio e embora praticamente todas as mulheres já tenham sido vítimas, elas não consideram o ambiente de trabalho machista. Essa impressão pode estar relacionada com o fato da maior parte dos assediadores, no caso do assédio sexual serem fontes, e estarem em um ambiente externo das redações e também devido a naturalização dessa prática.

Os assediadores recorrem a ferramentas das mídias sociais, que vão além das mensagens privadas: com o uso dos stories, onde o conteúdo fica disponível só 24 horas e apenas para os emissor e destinatário. Em outras palavras, ficam menos expostos. Ao mesmo tempo, as mulheres reconheceram que essa modalidade de assédio tem uma vantagem para as vítimas - a produção de provas, reiterando que o efeito do uso das tecnologias não é unilateral (POSTMAN, 1994).

Vale ressaltar que, embora a inserção das plataformas digitais tenha ampliado a possibilidade do assédio, essa violência é, na verdade resultado de uma sociedade machista, que inclusive valoriza essa conduta opressora do homem, que é maioria das vezes é o assediador. Inclusive, essa ação é vista como uma manifestação de honra e virilidade, provas de potência sexual. A atitude está estruturada nas relações de



Universidade Federal do Maranhão Departamento de Comunicação Social - Campus – Imperatriz Rua Urbano Santos, s/n, Imperatriz, 65900-040 Especialização em Assessoria de Comunicação Empresarial e Institucional

dominação estabelecidas e por isso os atos são vistos como reconhecimento (BOURDIEU, 2012).

A recorrência do assédio traz consequências significativas, tanto para o comportamento das mulheres quanto para a rotina jornalística. Elas repensam roupas usadas no trabalho, mantêm fotografias nas mídias sociais ocultas, evitam dar o número do telefone e evitam também o contato com fontes assediadoras, dentre outras restrições.

Cabe pontuar que as empresas não possuem canal de denúncia e de não promovem iniciativas de combate ao assédio, mesmo diante desses números apresentados aqui, o que evidencia a urgência de implementação de mecanismos de combate a casos de assédio.

Esses dados evidenciam algumas contradições sobre a rotina de produção jornalística: entre os valores do jornalismo está a defesa da liberdade e construção da cidadania. No entanto, internamente, isso visivelmente nem passa perto de ser real diante dos relatos de assédio neste estudo, que limita a liberdade da mulher sobre seu próprio corpo e seu direito de exercer seu trabalho com dignidade e respeito. Isso traz outra reflexão, que inclusive pode ser objeto de outros estudos: essas tensões internas relacionadas ao gênero se refletem nas matérias veiculadas que tratam dessa questão? Reforçam ou desconstróem os estereótipos sociais de segregação e hierarquização historicamente construídos?

Embora a proposta tenha sido atingida, de ouvir o máximo de mulheres da TV, Rádio e on-line, entre as limitações desta pesquisa está a questão do recorte, por não ouvir, por exemplo profissionais das assessorias de comunicação. No entanto, já traz alguns apontamentos importantes, como por exemplo, o WhatsApp com o aplicativo onde os assédios são mais comuns, o que pode ser tema de trabalhos futuros, com um universo mais delimitado e focando mais no processo comunicativo.

Por questões como essas, esse trabalho não tem a pretensão de ser estanque, mas levanta questões relevantes, como as condições de trabalho das mulheres jornalistas que sofrem corriqueiramente com discriminações de gênero, praticadas tanto nas mídias digitais quanto presencialmente.

REFERÊNCIAS

ABRAJI; GÊNERO E NÚMERO. **Mulheres no jornalismo Brasileiro**. Relatório, 2017. Disponível em: <http://www.mulheresnojornalismo.org.br/12901_GN_relatorioV4.pdf>. Acesso em 23 de junho de 2019.



Universidade Federal do Maranhão Departamento de Comunicação Social - Campus – Imperatriz Rua Urbano Santos, s/n, Imperatriz, 65900-040 Especialização em Assessoria de Comunicação Empresarial e Institucional

AMORIM, Janaina Lopes de; BUENO, Thaisa. **Mulheres jornalistas em pauta: estado da arte sobre assédio moral e sexual no Brasil**. SBPJOR, no prelo.

ANDRADE, Cristiane Batista; ASSIS, Simone Gonçalves. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2317-6369000012917RBSO>. Acesso em 20 de junho de 2019.

BEAUVOIR, Simone. (1970) **O Segundo Sexo – Livro 1: Fatos e Mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11^o ed. - Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2012.

BUENO, Noemi Corrêa. A (in)visibilidade das mulheres em programas esportivos de TV: um estudo de casos no Brasil e em Portugal”. A tese (doutorado em Comunicação). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Bauru, SP, 2018.

BUENO, Thaisa; FONSECA, Jordana. **CARREIRA E TRABALHO: Quem é o assessor de imprensa em Imperatriz (MA)?** Revista Intexto, 2019, prelo.

BUENO, Thaisa. Utopia digital: Repensando o papel revolucionário das novas tecnologias em redações de jornais do interior. **Revista Cambiassu**. São Luís, n.11. p. 128 – 137. jul.2012. Disponível em: <http://www.thaisabueno.com.br/wp-content/uploads/2015/11/utopia.pdf>. Acesso em 25 de setembro de 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero. Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASADEI, Elisa Bachega. A inserção das mulheres no jornalismo e a imprensa alternativa: primeiras experiências do final do século XIX. **Revista ALTERJOR**. Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP) Ano 02– Volume 01 Edição 03 – Janeiro-Junho de 2011. Disponível em: <http://www.usp.br/alterjor/ojs/index.php/alterjor/article/viewArticle/aj3-d3>. Acesso em 26 de junho de 2019.

CAMPAGNOLI, Adriana de Fatima Pilatti Ferreira; MANDALOZZO, Silvana Souza Netto. Sexo e poder nas relações de emprego: uma breve análise sobre o assédio sexual. **Revista eletrônica [do] Tribunal Regional do Trabalho da 9ª Região, Curitiba**, PR, v. 2, n. 16, p. 148-158, mar. 2013.

CONECTADAS e violentadas: como a tecnologia é usada em abusos contra mulheres. **Tecnologia - iG**, 2015. Disponível em: <https://tecnologia.ig.com.br/2015-11-29/conectadas-e-violentadas-como-a-tecnologia-e-usada-em-abusos-contramulheres.html>. Acesso de 23 de setembro de 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo. 2016

DATA FOLHA. **Assédio sexual entre as mulheres**. 29 e 30/11/2017. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2018/01/11/bfed1c72cc0eff5f76027203648546c5bbe9923c.pdf>. Acesso em 23 de junho de 2019.

DIAS, Isabel. Violência contra as mulheres no trabalho: O caso do assédio sexual. **Sociologia, Problemas e Práticas**. 2008. Disponível em http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S0873-65292008000200002&script=sci_abstract. Acesso de 10 de agosto de 2019.

DUARTE, Constância Lima. “Feminismo e Literatura no Brasil”. **Estudos Avançados**, volume 17, número 49, São Paulo, 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142003000300010>. Acesso em 23 de junho de 2019.

DUARTE, Bento Herculano; SOARES, Fernanda de Carvalho. O assédio moral no ordenamento jurídico brasileiro. **R. Fórum Trabalhista – RFT**. Belo Horizonte, ano 3, n. 11, p. 21-47, mar./abr. 2014.



Universidade Federal do Maranhão Departamento de Comunicação Social - Campus – Imperatriz Rua Urbano Santos, s/n, Imperatriz, 65900-040 Especialização em Assessoria de Comunicação Empresarial e Institucional

Disponível em: <http://www.editoraforum.com.br/wp-content/uploads/2014/06/O-assedio-moral-no-ordenamento-juridico-brasileiro.pdf>. Acesso em 23 de junho de 2019.

FREITAS, Maria Êster. Assédio Moral e Sexual. **RAE**, São Paulo, v.41,n.2. p.8-19, abr./jun., 2001.

FENAJ. Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil. Relatório de 2017 e 2018.

Disponível em <http://fenaj.org.br/relatorios-de-violencia-contra-jornalistas-e-liberdade-de-imprensa-no-brasil/>. Acesso em 11 de agosto de 2019.

FUKUDA, Rachel Franzen. Assédio Sexual: Uma releitura a partir das relações de gênero. **Revista Simbiótica** - Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias.

Departamento de Ciências Sociais - ES – Brasil. Disponível em

<http://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/4512>. Acesso em 5 de agosto de 2019.

GEHLEN, Marco Antônio, BUENO, Thaísa; PAULA, Vanessa de. Quem somos? O perfil educacional do formado em Jornalismo na UFMA de Imperatriz (MA). **Paradoxos**.vol.3, nº2, Julho – Dezembro, 2018.

Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/paradoxos/article/view/49705/26509>. Acesso em 25 de setembro de 2019.

HIGA, Flávio da Costa. Assédio sexual no trabalho e discriminação de gênero: duas faces da mesma moeda?. Revista direito GV. São Paulo. v. 12 n. 2. Mai-ago, 2016. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.1590/2317-6172201620>. Acesso em 20 de junho de 2019.

LAKATOS, Marina de Andrade Marconi. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

LEITE, Tais de Souza. Cultura do estupro: jornais online e a reprodução da culpabilização da vítima em Rondônia. **Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero11 & 13th Women's Worlds Congress**, Florianópolis, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ. Vozes, 1997.

MA é o estado com mais mulheres em situação de trabalho análogo ao escravo. **G1**, São Luís, 2019.

Disponível em <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2019/08/27/ma-e-o-estado-com-mais-mulheres-em-situacao-de-trabalho-analogo-ao-escravo.ghtml>. Acesso em 18 de setembro de 2019.

MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Universidade Federal da Bahia.

Biblioteca on-line de Ciência da Comunicação. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/machado-elias-ciberespaço-jornalistas.pdf>. Acesso em 25 de setembro de 2019.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em Comunicação**: projetos, ideias, práticas.

Petrópolis, RJ : Vozes, 2018.

MIGUEL, Luís Felipe. BIROLI, Flávia. **Feminismo e Política**: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2014.

MORAES, Ana Maria. **Feminização do Jornalismo e desigualdades de gênero no exercício da profissão em Goiânia**. Dissertação (Mestrado em Comunicação).Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2018.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo online e os espaços do leitor:**

um estudo de caso do NetEstado. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

NUNES, Maria Terezinha; REGO, Andrea de Castro Souza. **Assédio Moral e Sexual**. Programa Pró-Equidade de Gênero e Raça. Senado Federal. Disponível

em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/509899>. Acesso em 23 de junho de 2019.



Universidade Federal do Maranhão Departamento de Comunicação Social - Campus – Imperatriz Rua Urbano Santos, s/n, Imperatriz, 65900-040 Especialização em Assessoria de Comunicação Empresarial e Institucional

PORTELA, Monique Ryba. **Percepção do assédio moral e sexual contra mulheres jornalistas em Curitiba**. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Comunicação Social. Universidade Federal do Paraná, 2018. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/56614>. Acesso em 11 de junho de 2019.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio**: a rendição da cultura à tecnologia I NeilPostman; tradução de Reinaldo Guarany.- São Paulo :Nobel_ 1994.

PALFREY, Jonh; GASSER, Urs. Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto alegre: Artmed, 2011.

RECUERO, Raquel. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. **Famecos**, Porto Alegre, nº 38, abril de 2009. Disponível em <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=495550194016>. Acesso em 14 de fev. de 2019.

REIMBERG, Cristiane Oliveira. Quando o trabalho do jornalista é cenário para o assédio moral. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1980-1.pdf>. Acesso em 10 de julho de 2019.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

UNESCO fará estudo para combater o assédio online a jornalistas do sexo feminino. **Portal Imprensa**, 2019. Disponível em: http://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/81672/unesco+fara+estudo+para+combater+o+assedio+online+a+jornalistas+do+sexo+feminino. Acesso em 23 de setembro de 2019.

UNICAMP. **Mulheres: mundo do trabalho e autonomia econômica**. Centro de Estudos Sindicais e Economia do Trabalho, 2017. Disponível em <https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/Caderno-3-web.pdf>. Acesso em 5 de agosto de 2019.

UFSC; FENAJ. **Quem é o jornalista brasileiro? Perfil da profissão no Brasil**, 2012. Disponível em <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2016/01/pesquisa-perfil-jornalista-brasileiro.pdf>. Acesso em 23 de junho de 2019.